

Dona Baratinha não Casou - Maria Hilda de J. Alão

DONA BARATINHA NÃO CASOU E OUTRAS HISTÓRIAS

Maria Hilda de J. Alão

Copyright © 2010

Todos os direitos reservados e protegidos por Lei
Nº 9610 de 19 de fevereiro de 1998.

É proibida a reprodução total ou parcial, por quaisquer meios,
sem a autorização prévia, por escrito, do autor.

AUTOR: Maria Hilda de J. Alão
TÍTULO DA OBRA: Dona Baratinha não
Casou e outras Histórias.
1ª edição
Santos – 2010
ISBN 978-85-62418-49-5

PREFÁCIO

Contar histórias é uma arte. O contador de histórias precisa ter conhecimento da arte teatral para fazer rir e emocionar as crianças.

É através das histórias que as crianças conhecem outros universos, desenvolvem a imaginação fazendo um paralelo entre o mundo da fantasia e da realidade.

História de fadas, gnomos e bruxos atrai a atenção e o interesse fazendo a petizada sonhar acordada. Outro personagem importante é o bicho que fala e age como gente.

Neste livro há história de barata, de formiga, coelhos, galinhas, vegetais, uma cartilha que fala, até os elementos da gramática todos eles agindo como pessoas e deixando, ao final da narrativa, um bom exemplo a ser seguido.

DEDICATÓRIA

As histórias deste livro foram escritas para os meus netos. A eles sou grata pelo estímulo que me faz continuar a escrever para crianças.

SUMÁRIO

Dona Baratinha não Casou	08
A Revolta das Cenouras	11
A Foca Tumé e o dia das mães	14
Uma Árvore de Natal Diferente	16
Um Gato no Espelho	21
Uma História de Natal	24
Um Milagre de Natal	28
A Casinha Perdida	32
A Festa da Gramática	35
A Fada e o Sapo	38
O Gnomo Verdinho	40
O Gato e o Rato	43
Os Habitantes da Cartilha	46
O Pingo de Chuva	49
Dona Aranha! Aceita uma Castanha?	51
Belinha, a abelhinha e o urso Dum Dum	53
Paty e suas Amigas	56
Um Natal sem Televisão	59
O Brigadeiro e o Ovo de Páscoa	62
A Flor e o Vento	68
A Borboleta Marieta	70

Dona Baratinha não Casou - Maria Hilda de J. Alão

DONA BARATINHA NÃO CASOU

Havia chegado o dia do casamento. A baratinha Mimi estava nervosa. Também, com tanta coisa para fazer, não há cabeça de barata que aguente. Ela fiscalizava tudo, desde o local onde seria erguido o altar até a cozinha. Tudo estava se encaminhando certinho, do jeitinho que ela idealizou.

Os dois cozinheiros japoneses, Sushi e Sashimi, que ela conhecera quando viajou para a França, davam os últimos retoques na mesa terminando seus afazeres. A mesa estava maravilhosa. No centro o bolo de noiva chamava a atenção pelos detalhes artísticos. Realmente, os dois irmãos eram artistas pra ninguém botar defeito. Mimi foi para seu quarto. Era hora de se aprontar para o casamento. Pôs o vestido branco de longa cauda, calçou os sapatinhos de vidro e, acompanhada do pai, saiu rumando para o altar.

O altar, enfeitado com flores brancas, era simples, mas de bom gosto. Foi a melhor amiga de Mimi, a baratinha Taari, quem cuidou dessa parte. Os convidados foram chegando e, só se ouvia: “ó, que beleza de altar!”. A música suave, executada pelo organista Kybarato dava o tom romântico ao ambiente. O coral, formado pelas jovens baratas, integrantes da banda gospel **Dakisaibarata**, muito querida da juventude barateana, ensaiava a canção que cantaria no momento do “sim”.

Mimi chegou ao altar. E o Noivo? Ah! O noivo! Filho de um casal de baratas japonesas, que viviam no Brasil há muitos e muitos anos, ainda não tinha aparecido, fato que deixava a futura sogra de Mimi preocupada. Quando ela saiu com o marido o filho, Soyumbarato, estava se preparando para o casório. Por que estaria atrasado? Nesse exato momento, sobrevoando o altar, uma barata mensageira, grande e cascuda,